

# Imagem de favela persegue Ceilândia

População lamenta que preconceito continue, 17 anos após fundação

ANA LUZIA SILVEIRA  
Da Editoria de Cidade

A Ceilândia, cidade-satélite que muita gente ainda pensa não passar de uma favela, prova, aos 17 anos, a falsidade dessa versão. "Quem diz isso não conhece a parte boa da cidade", afirma Paulo José da Silva, pioneiro que chegou à cidade em 1971, procedente de invasões próximas ao Núcleo Bandeirante, como o Morro do Urubu, Vila Tenório e Vila IAPI.

Apesar do primeiro barraco datar de 27 de março, a população festeja o aniversário da cidade em junho, fazendo-o coincidir com as festas de São João, que incluem, entre outras coisas, o tradicional forró comunitário, aberto oficialmente quinta-feira e que prossegue até hoje.

Nem a idéia do ex-administrador Ilton Mendes de antecipar a data para março, vingou. "Só no ano passado aconteceu a primeira tentativa, mas este ano as festas voltaram a ser em junho", diz Gener Costa dos Santos, assessor da administração. E, afinal, sempre foi assim, pelo menos durante os 14 anos em que a atual deputada Maria de Lourdes Abadia administrou a satélite.

## BARRIL

"Há 17 anos isto aqui era só cerrado e estacas espalhadas para demarcar os terrenos", lembra Paulo José da Silva, que antes de chegar à Ceilândia vivia no Morro do Urubu. Ele conta que, aos poucos as QNN e QNM foram concluídas, dando a impressão, para quem olha o mapa da cidade, que aquela parte da Ceilândia é um imenso barril. Depois vieram a Guariroba, Setor "O", Setor "P" Sul e Norte e, finalmente, a Expansão do Setor "O". Estes locais abrigam cerca de 500 mil pessoas, segundo Gener Costa.

Para ele o maior problema da satélite é a falta de moradia. "Existem barracos de fundo de quintal que abrigam até 15 famílias", conta, acrescentando que há pequenos focos de invasão, "principalmente na Expansão do Setor O". Ele calcula em 30 mil o número de pessoas que moram de aluguel.

O presidente da Associação de Inquilinos da Ceilândia, Ipaminona Rodrigues da Silva, vai mais além: "São 45 mil famílias sem casa, muitas morando em verdadeiros cortiços, pagando aluguel que varia de

Cz\$ 5 a Cz\$ 8 mil por dois cômodos". Há também quem more em casas mais confortáveis, cujas prestações chegam a Cz\$ 12 mil: "Mas, nesses casos, existem sempre duas famílias vivendo num mesmo imóvel".

Ipaminona diz que 90 por cento dos inquilinos são inscritos na Shis, pois chegaram à Ceilândia há 15 anos; os demais não podem se cadastrar, pois vivem ali há menos de cinco anos. Ele conta que a luta da Associação é antiga: "Estamos atuando desde 83 e sempre batalhando para que o Governo conceda lotes urbanizados a estas famílias".

## BECOS

Lembra que a Expansão do Setor "O" foi conquistada pela entidade, com o GDF concedendo os 5 mil e 372 lotes onde vivem ex-inquilinos. Agora, segundo afirmou, tenta convencer as autoridades a liberar os "becos", terrenos localizados entre dois blocos, que, conforme disse, são ideais para urbanização: "Mas o GDF contesta a nossa proposta, dizendo que os becos são áreas públicas". Se fosse possível viabilizar a idéia, ele acredita que daria para abrigar 3 mil e 400 famílias, pois existem mil e 700 "becos" em toda a Ceilândia.

O presidente da Associação dos Inquilinos garante que há outras sugestões a fim de amenizar o problema. "Na Ceilândia Norte, as quadras 25 e 26 estão incompletas e a área próxima ao terminal do "P" Sul também". Nesses locais, de 800 a mil lotes poderiam ser urbanizados, calcula. A proposta se encontra em discussão na administração regional, assim como uma outra, só que na Secretaria da Habitação, e que "se refere à parte mais alta de Samambaia".

Ipaminona afirma que tais idéias são viáveis, pois as pessoas construiriam suas próprias casas. "A maioria dos inquilinos não pode arcar com o projeto que está sendo feito na área entre o "P" Norte/Ceilândia Norte e "P" Sul/Ceilândia Sul. Nesses locais estão sendo construídas mil e 200 casas, mas as prestações estão acima do que a população pode pagar". Conforme disse, o eventual proprietário de um desses imóveis teria que contar com renda de três salários mínimos: "E quase todos aqui têm rendimento de um ou, no máximo, dois salários".



A alegria do ato de fundação contrasta com a tristeza dos problemas sociais que predominam na cidade